

Artigo Original

O Programa Jovens Construtores e suas estratégias de inclusão produtiva de jovens potência

Jovens Construtores Program and its strategies for socio-productive inclusion of opportunity youth

Juliano Gonçalves Pereira¹ , Melissa Sabbag Abla Steinbrück¹ , Arthur Felizardo^{1,2*} , Katia Edmundo³ ,

¹Frente de Juventude, Centro de Promoção da Saúde, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

²Programa Jovens Construtores, Centro de Promoção da Saúde, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

³Direção Executiva, Centro de Promoção da Saúde, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

COMO CITAR: Pereira, Juliano Gonçalves, Steinbrück, Melissa Sabbag Abla, Felizardo, Arthur & Edmundo, Katia. (2023). O Programa Jovens Construtores e suas estratégias de inclusão produtiva de jovens potência. *Revista Brasileira de Avaliação*, 12(2 spe), e123823. <https://doi.org/10.4322/rbaval202312038>

Resumo

O desafio da inclusão produtiva para jovens em extrema vulnerabilidade social no Brasil, exige que instituições governamentais, o setor privado, agências internacionais, sociedade civil e demais atores sociais comprometidos com a pauta das juventudes se esforcem para garantir ações intersetoriais que viabilizem e ampliem o acesso a condições humanas e dignas de existência para este segmento, buscando conter as raízes da exclusão social. O Programa Jovens Construtores/PJC ao longo de 13 anos tem aperfeiçoado sua metodologia junto aos jovens, qualificado seus instrumentos de monitoramento e avaliação contribuindo para o fortalecimento das redes de proteção e cuidado juvenil, apostando na força e capilaridade das Organizações de Base Comunitárias/OBC's. No limite deste texto, apresentamos a importância que tem a avaliação de impacto e o monitoramento das ações realizadas para a rede de jovens para qualificar nossas estratégias e a inclusão produtiva de jovens potência no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Jovem potência. Programa Jovens Construtores. Inclusão produtiva. Avaliação de Impacto Randomizada.

Abstract

The challenge of productive inclusion for extremely socially vulnerable young people in Brazil requires that government institutions, the private sector, international agencies, civil society, and other social actors committed to the youth agenda make an effort to ensure intersectoral actions that enable and expand access to human and dignified conditions of existence for this segment, seeking to contain the roots of social exclusion. Over the past 13 years, the Jovens Construtores Program has improved its methodology with young people, qualified its monitoring and evaluation tools, contributing to the strengthening of the youth protection and care networks, betting on the strength and capillarity of the Community-Based Organizations / CBOs. At the end of this text, we present the contribution of the PJC to the productive inclusion of young power in Rio de Janeiro.

Keywords: Opportunity Youth. Jovens Construtores Program. Productive Inclusion. Randomized Impact Evaluation.

Juliano Gonçalves Pereira, preto, Doutor em Educação, Assessor Pedagógico Frente de Juventude no CEDAPS.

Melissa Sabbag Abla Steinbrück, branca, mestre em Ciência Política e pós-graduanda em Administração Pública, Coordenadora da Frente de Juventude no CEDAPS.

Arthur Felizardo, preto, graduado em Gestão Comercial e MBA em Gestão Estratégica de Projetos, Coordenador da Área de Colocação do Programa Jovens Construtores - CEDAPS.

Katia Edmundo, branca, Doutora em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia, Diretora Executiva no CEDAPS e professora adjunta IDOMED/UNESA.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Abril 30, 2023

Aceito: Outubro 26, 2023

***Autor correspondente:**

Juliano Gonçalves Pereira

E-mail: pedagogico.pjc@cedaps.org.br

Instituições Parceiras: Fundação Arymax e Fundação Tide Setubal



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Introdução

O Centro de Promoção da Saúde/CEDAPS é uma organização da sociedade civil que, desde 1993, vem se dedicando a construir e aprender com as comunidades populares formas de melhoria das condições e qualidade de vida através da saúde. Sua Frente de Juventude/FJ, desde o ano de 2010, é executora no Brasil do Programa Jovens Construtores/PJC, uma replicação adaptada à realidade local do *YouthBuild Program/YBP*¹, um dos mais disseminados programas norte-americanos com foco na vinculação laboral e educacional de jovens em situação de vulnerabilidade.

O objetivo central deste texto é relatar a contribuição das ações de monitoramento e avaliação do PJC frente ao desafio da inclusão produtiva de jovens em contextos de extrema vulnerabilidade social, aqui compreendidos como jovens potência. Essa postura institucional tem possibilitado rever as ações desenvolvidas pelo PJC ampliando as oportunidades de inclusão juvenil no ecossistema do mundo do trabalho e no sistema educacional formal.

O PJC é uma tecnologia social desenvolvida de/para/com as juventudes em condição de maior exposição às vulnerabilidades sociais no Brasil. Suas ações contam com a articulação de parcerias territoriais com organizações de base comunitária, empresas e instituições públicas e privadas assentadas em uma estratégia intersetorial.

A curto prazo possibilita às juventudes envolvidas o acesso a pensamentos críticos, fortalecimento de suas potencialidades e autoestima, por meio de oficinas de formação humana, política e introdução técnica em alguma área com demanda de mão-de-obra no território. A médio prazo busca regularizar as documentações básicas dos jovens, fortalecer redes comunitárias e relações familiares. Já a longo prazo, busca contribuir para aumento de renda dos jovens pela inserção no mundo do trabalho, elevação da escolaridade e formação de lideranças.

O perfil dos mais de 500 jovens que foram graduados pelo PJC na cidade do Rio de Janeiro e que compõe a Rede Jovens Construtores, são em sua maioria negros, mães em pais, com baixa escolaridade e com sérias restrições econômicas. Para essa rede juvenil, mesmo após o encerramento da edição que ocorre entre 4 e 5 meses, são garantidos suportes e assessorias que buscam ampliar as oportunidades de inclusão na sociedade formal. As constantes consultas a essa rede, realizadas por meio de atualização de cadastro, pesquisas de monitoramento e avaliações tem contribuído para uma melhor cobertura dos jovens.

Apresentamos no limite deste artigo, reflexões sobre parte dos resultados da avaliação de impacto do PJC realizada no ano de 2019 pelo pesquisador Daniel Cerqueira e sua equipe que analisou as ações do programa até o presente ano, bem como para os resultados de pesquisa interna realizada no ano de 2021 focando excepcionalmente na inclusão produtiva de jovens com atualização da taxa de colocação do programa no ano de 2022.

É pretensão ainda, apresentar as estratégias, adaptações e melhorias ocorridas na metodologia do programa devido a estes estudos, visando socializar e reforçar a importância do monitoramento e avaliação nas ações realizadas em intervenções sociais no terceiro setor para ampliação de oportunidades e vinculação juvenil na sociedade.

A avaliação de impacto, o monitoramento da rede de graduandos e as pesquisas realizadas pelo PJC tem garantido o refinamento, correção e melhoria das edições² desenvolvidas ao longo dos anos no Brasil. Incorporamos e qualificamos o instrumento de marco lógico de cada edição, que organiza, destaca e monitora os indicadores de atividades e resultados nos primeiros 6 meses do programa, de objetivos em até 12 meses e de impacto após 12 meses, o que tem tornado as edições mais eficazes e atentas a realidade vivida pelos jovens potência no território.

¹ O YBP foi criado em 1978, na cidade de Nova Iorque, tendo se expandido para 44 estados, em mais de 260 localidades. Em 1999, quando foi criado o *YouthBuild International (YBI)*, o programa foi levado a 21 países.

² Naquela época, cada edição do programa compreendia um curso de formação técnica e humana de 340 horas composto de oficinas temáticas práticas com ênfase em diferentes habilidades, tais como pintura profissional, construção civil, telecom, elétrica predial, sendo que no último mês, os jovens desenvolveram e executaram um projeto, sob supervisão dos instrutores, para a construção ou reforma por nome de Ativos Familiares e Comunitários (ATC) físicos, de modo a praticar e materializar o conhecimento adquirido.



Desenvolvimento

O monitoramento alterando o olhar sobre as juventudes

Um dos grandes desafios colocados para a inclusão social e produtiva de jovens em condição de extrema vulnerabilidade social, a ponto de alterar a brutal realidade de desigualdades sobre este segmento em relação aos demais, é de compreendê-los como potência, retirá-los do lugar de vítimas e tratá-los como parte da solução dos problemas das quais se encontram no centro.

Tal pensamento desafia a literatura e as políticas públicas nos países ocidentalizados, a rever sua relação com os jovens, ampliar os investimentos neste segmento até que seja garantido suportes permanentes para que este segmento acesse o bem viver e possa chegar à idade adulta de maneira segura e em pleno desenvolvimento físico e intelectual com a devida qualificação educacional e técnica.

Marcos regulatórios como o Estatuto da Juventude prevê os direitos dos jovens, mas ainda é preciso ampliar esforços coordenados e estratégicos a fim de aumentar as chances aos que mais necessitam, para que de fato consigam iniciar suas conquistas materiais e simbólicas por meio do trabalho formal e seguro. Prevê suportes para que as juventudes conduzam suas vidas de maneira produtiva, e conscientes das decisões por ocupar seu espaço no mundo de trabalho, seja se filiando a uma empresa ou pelo empreendedorismo.

É um desafio desse tempo, que instituições governamentais, o setor privado, agências internacionais, sociedade civil e demais atores sociais comprometidos com a pauta das juventudes se esforcem para assegurar ações coordenadas e intersetoriais, que viabilizem e ampliem o acesso a condições humanas e dignas de existência para jovens, sobretudo, aos que são invisibilizados pela exclusão social.

Embora o PJC possua inclinação para trabalhos conjuntos e participativos, foi a definição de sua matriz organizacional e qualificação de seus indicadores que pelo monitoramento e avaliação conseguiram ser qualificados que se percebe avanços consistentes nas entregas do programa. Os indicadores qualificados orientam as ações dentro das edições em curto, médio e longo prazo e buscam corrigir as ações se elas não estão alinhadas com os indicadores pretendidos.

Os desafios são grandes por se projetar construir as ações de maneira compartilhada e coletiva, envolvendo o maior número de instituições e parcerias territoriais que muitas vezes não trabalham com indicadores bem definidos. Outro ponto desafiador para o PJC é a constante mudança de endereços eletrônicos e contato telefônico dos jovens graduados, o que dificulta a comunicação em momentos estratégicos.

Neste sentido, ao observar as avaliações e pesquisas, ficou evidente a necessidade de incorporação de ações de formação continuada para a rede de graduados e para parceiros estratégicos visando a manutenção da parceria e aproximação com as organizações de bases comunitárias, serviços públicos, ações coletivas e outros projetos. Tal feito, tem se revelado promissor, por contribuir com a sociabilidade dos jovens e dar suportes para instituições e setores estratégicos da sociedade. Por meio da formação continuada do PJC, os jovens se encontram em espaços seguros e as instituições parceiras se atualizam em temáticas pertinentes às juventudes tendo a oportunidade de serem mais inclusivas e capazes de considerar as diferenças nos processos e intervenções articuladas.

O contexto e os atravessamentos interseccionais para os jovens potência

A inclusão produtiva de jovens em condições de extrema vulnerabilidade social precisa levar em consideração a persistência da discriminação por raça³, gênero, local de moradia, religião,

³ Do ponto de vista científico e biológico não existem raças humanas; há apenas uma raça, a humana. No entanto, do ponto de vista social e político é possível (e necessário) reconhecer a existência do racismo enquanto atitude. Assim, só há sentido em usar o termo raça em uma sociedade racializada, ou seja, que define a trajetória social dos indivíduos em razão da sua aparência. Segundo Munanga (2006, p. 27), o conceito de raça, tal qual empregado hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois, como todas as ideologias ele esconde algo não proclamado: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, naturalizada é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco, mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra etc. Por isto, o conteúdo dessas palavras é etnosemântico, político-ideológico e não biológico. (Munanga, 2006).



capacitismo, orientação sexual, idade entre outros, que são obstáculos de natureza estrutural que interferem diretamente na dinâmica produtiva heterogênea do país. Essas dimensões da experiência humana agem como marcadores de exclusão social quando analisados de maneira interseccional⁴ que alteram a realidade inclusiva de determinados grupos juvenis, agindo como rituais pedagógicos a favor da exclusão.

Os jovens aqui considerados como jovens potência tiveram suas habilidades técnicas prejudicadas ao longo de sua formação educacional, estão fora do ensino regular, tem os recursos e fluxo de informações qualificadas limitados e instáveis, o que dificulta e/ou impede a conexão entre eles e as vagas de trabalho ou retorno escolar, e geralmente não possuem a formação exigida. Pensar ações de inclusão produtiva para essa juventude desafia a conveniência do assunto, e provoca pensar mais profundo nas raízes da exclusão.

Ao olhar os jovens que mais estão expostos à exclusão produtiva é fundamental considerar seu pertencimento racial, e conseqüentemente os impactos do racismo estrutural⁵ sobre eles, como um potencial oponente que contribui com a invisibilidade e negação de acessos. A maior parte da população residente em favelas é preta, e também compõem as escolas públicas, o subemprego, a extrema pobreza sendo o principal perfil do sistema carcerário e de morte por arma de fogo no Brasil.

Essa paisagem da exclusão e exposição muitas vezes a violência é resultado de ações infelizes obtidas após séculos de exploração do corpo preto e da tentativa de destruição da cultura e potencialidade dessa população no Brasil, que por sua vez, foi o último país do mundo a abolir a escravidão sem prestar o mínimo de assistência necessária ao povo escravizado (Juliano, 2019).

Aqui, foram criadas leis que limitavam o acesso e participação social de pessoas de cor e que criminalizam sua liberdade cultural, fosse ela de expressão religiosa ou de decisão política, o que contribuiu para o atual cenário brasileiro que em sua estrutura socioeconômica é racialmente desigual e que afeta de forma mais intensa a juventude preta.

Pela lente interpretativa da interseccionalidade é possível enxergar que em nossa sociedade existem vários sistemas de opressão – as de raça ou etnia, classe social, capacidade física, localização geográfica, entre outras, que se relacionam entre si, se sobrepõem e demonstram que o racismo, o sexismo e as estruturas patriarcais são inseparáveis e tendem a discriminar e excluir indivíduos ou grupos de diferentes formas. Ainda nos permite compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Pode ser considerado como uma ferramenta analítica importante para pensarmos sobre as relações sociais de raça, sexo e classe, e os desafios para a adoção de políticas públicas eficazes. (Crenshaw, 2002)

Considerando que estamos em um país com uma das maiores taxas de desigualdade social do mundo, confirmado pelo relatório publicado pela Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD (2019) – Brasil, são poucas as ofertas de qualificação profissional e variedade nas propostas de empregabilidade. As características sociais desta herança de desigualdade impulsionam o jovem brasileiro a emergir como provedor de renda para sua família, o faz ingressar de maneira precoce na categoria informal do mundo do trabalho, que o coloca em situação de subemprego, violação de direitos e exploração da sua mão de obra. Geralmente são jovens que recebem remuneração inferior do que é recomendado a ser pago pelo trabalho desenvolvido.

⁴ A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002).

⁵ A concepção estrutural de racismo está intrinsecamente ligada ao racismo institucional que determina suas regras a partir de uma ordem social estabelecida. Isso significa que o racismo é uma decorrência da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça. Almeida enfatiza que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática (Almeida, 2018).



Ao identificar a emergência de renda da sua família e a escassez de produtos como alimentos básicos e utensílios de higiene pessoal, os jovens são submetidos a escolherem entre concluir seus estudos básicos ou trabalhar para contribuir com a renda familiar, ficando expostos à diversas vulnerabilidades que condiciona seu olhar para não reconhecer a escola ou o trabalho formal como um lugar atrativo, o que impacta na sua ascensão profissional.

O abandono dos estudos de forma prematura não apenas expõe o jovem a violência, uso e abuso de drogas, como também o qualifica a uma vida de fortes restrições materiais e simbólicas, em face das opções laborais precárias com que se depararam mais à frente, os tornando presas fáceis do crime organizado e desorganizado e de empresários exploradores (Zaluar, 2004).

Ainda segundo a autora, a escola merece destaque, por ser ela a instituição de maior capilaridade de assegurar o jovem em processo formativo, agindo como base para a qualificação técnica e o mercado de trabalho. Quando o jovem perde o vínculo com a escola, fica vulnerável a uma experiência de inclusão e integração produtiva informal ou como resalta Alba Zaluar uma *“integração perversa”*.

A identidade de trabalhador constrói-se em parte por oposição a bandidos e vagabundos que não trabalham. Mas, se o trabalho é um critério fundamental de diferenciação entre tais categorias, isso não quer dizer que a oposição entre eles seja rígida e absoluta, ou que exista, no plano das relações sociais, uma segregação claramente demarcada, separando-os completamente. Ao contrário, as relações entre bandidos e trabalhadores mostram-se muito mais complexas e ambíguas, tanto no plano das representações que a atividade criminosa tem para os trabalhadores, como no plano das práticas efetivamente desenvolvidas entre eles (Zaluar, 1985, p. 132).

Os estudos de Alba Zaluar junto jovens potência no Rio de Janeiro, nos revela a pertinência do comprometimento da escola, demais instituições públicas e privadas, o terceiro setor e projetos sociais como o PJC a se envolverem na proteção da trajetória de vida digna e segura dos jovens. Aos que a escola não consegue garantir condições pedagógicas de permanência, torna-se potenciais trabalhadores no submundo da informalidade.

O IPEA (2018) em seu estudo anual sobre juventudes destaca que a cada 1% a mais de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola gera um aumento de 2% na taxa de homicídio. Este dado nos leva a refletir sobre a gravidade dos impactos do abandono escolar prematuro, e naturalmente, o efeito cascata dessa ausência na segurança pública, saúde o que inevitavelmente impacta o mercado de trabalho.

Em 2019, 7% da população entre 15 e 17 anos estava fora da escola (PNAD, 2019), o que torna mais desafiador a inserção desses jovens no mercado de trabalho. A falta de formação técnica e profissional dos jovens afeta a empregabilidade, e para os que estão em situação de maior vulnerabilidade social a empregabilidade é 26% menor em relação àqueles em melhores condições.

A baixa produtividade da mão de obra não qualificada, aliada aos custos sociais da violência, são potenciais elementos para restringir o nível de bem-estar e de desenvolvimento social. Um jovem que não consegue ser inserido em espaços educativos e produtivos que o desafiam como indivíduo e como profissional, torna-se um adulto desmotivado, com pouca ou nenhuma contribuição produtiva.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico/OCDE, revela que o Brasil é o segundo país com a maior proporção de jovens entre 18 e 24 anos, que estão fora do mundo do trabalho e desconectados do sistema educacional, ficando atrás apenas da África do Sul. Aqui, os jovens nessa situação representam 36% da população de jovens brasileira, ou seja, 11 milhões de pessoas.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), aproximadamente 43% dos jovens entre 15 e 24 anos que não estudavam nem trabalhavam, em 2019, estavam entre os 20% mais pobres da população. Não é recente a conexão entre visão da pobreza como um fenômeno multidimensional em contraposição à alternativa historicamente dominante, de tratá-la apenas como insuficiência de renda.



As razões para os jovens estarem na situação de não estudo ou trabalho são muitas e diversas, e perpassam as diferentes etapas de suas vidas até chegarem à juventude. Considerar no desenho de políticas públicas a diversidade de situações e, em alguma medida, atendê-las é fundamental para alcançar resultados positivos na inclusão socioproductiva qualificada de jovens em maior situação de vulnerabilidade social.

Não é meramente semântico questionar e alterar o tratamento de parte desse segmento como jovem “nem, nem”. Barros et al, (2016) destaca que discursos acadêmicos de organismos internacionais, mídia tradicional e setores da sociedade brasileira vêm caracterizando os jovens como “nem-nem”: aqueles que nem estudam nem trabalham. No âmbito do PJC, os jovens são tratados como “sem- sem” por serem sujeitos para os quais a sociedade não foi capaz de garantir direitos básicos no que diz respeito à criação de uma vida digna no mundo.

A ideia de pensar um jovem que se encontra em extrema vulnerabilidade social como “sem-sem”, também constitui uma condição temporária de quem está sem ou com pouca oportunidade de acesso à educação, ao mercado de trabalho, à inclusão digital, realidade que pode ser alterada com práticas econômicas e pedagógicas criativas e participativas que contribuam para a construção de sentidos no percurso educacional e que valorizem a potencialidade de cada sujeito no processo de aprendizagem (Barros et al, 2016).

Avaliação de Impacto do PJC 2009 a 2019

A compreensão, incorporação e qualificação dos instrumentos de monitoramento e avaliação no PJC tem desafiado e qualificado autoleitura sobre o programa. A avaliação de impacto do PJC, coordenada pelo pesquisador Daniel Cerqueira e sua equipe foi realizada no ano de 2019 e buscou analisar o programa desde a sua implementação em 2009 acompanhando 10 anos de atuação do PJC no Brasil.

Cerqueira (2019) destaca que desde o início dos trabalhos no país até o ano da pesquisa, foram realizadas dezesseis edições com a participação de 426 jovens de 16 a 24 anos de idade na cidade do Rio de Janeiro. As turmas foram aplicadas em comunidades pobres do Rio de Janeiro, sendo elas em Campo Grande (2010), no Complexo do Alemão (2012), no Morro dos Prazeres (2015), na Cidade de Deus e no Morro do Borel (2016) e no Morro do Borel, Mangueira e Pavuna (2017); Providência, Maré, Cidade de Deus e Del Castilho (2019).

Para a avaliação foi produzido um instrumento (questionário) e aplicado aos jovens para a avaliação de impacto. Foi feito um trabalho qualitativo prévio, com sua respectiva análise. Entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a gestores e instrutores. A avaliação envolveu a conjugação de métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa. Iniciado o processo de arregimentação de jovens elegíveis nas comunidades onde tinham ocorrido edições do programa, observou-se um excesso de demanda, o que permitiu que se selecionassem de forma aleatória dois grupos, de tratamento e controle. (Cerqueira et al., 2019)

O relatório ainda detalha que o instrumento aplicado aos jovens era composto por cinco blocos de perguntas. Além desses blocos, os jovens que participaram do programa responderam um sexto bloco de questões, a fim de que pudéssemos avaliar (de forma não experimental), suas percepções subjetivas em relação ao PJC.

Após a produção do questionário, teste piloto do instrumento e devidas revisões, os questionários foram aplicados de quatro a dez meses após a finalização da fase de tentativa de colocação do participante no mercado de trabalho (ou de 15 a 21 meses após o início do programa, uma vez que após os cinco meses de oficinas, o programa previa um período de seis meses subsequentes para a colocação no mercado de trabalho.

A pesquisa contou com o financiamento do Banco Interamericano (BID) desenvolveu seis ciclos completos de aplicação do PJC, contemplando 210 jovens elegíveis, sendo que o objetivo principal da avaliação de impacto seria centrado na inserção laboral dos jovens no setor formal ou informal, tendo em conta as características de gênero e raça/cor, sendo que o critério de elegibilidade seria focado em jovens vulneráveis entre 16 e 24 anos, com recursos limitados para criar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional nas comunidades.



No trabalho de análise qualitativa, baseado nas entrevistas a gestores e instrutores e nos grupos focais com participantes do PJC, foi verificado o alto nível de engajamento com a proposta do programa, em que as perspectivas dos vários grupos se alinharam. O carinho demonstrado pela maioria dos jovens ao se referirem ao programa em si, ou aos instrutores e, sobretudo, aos responsáveis pela atividade de aconselhamento sugere a importância que o programa teve em suas vidas, como uma oportunidade de treinamento vocacional em que os jovens não apenas foram “treinados”, mas também foram ouvidos. (Cerqueira et al., 2019)

De fato, a percepção qualitativa quanto à aprovação do programa pelos jovens foi corroborada pelos resultados dos questionários aplicados aos jovens que participaram do programa, onde os instamos a dar uma nota de 0 a 10 para três questões: a) avaliação geral do Programa Jovem Construtor; b) busca de emprego realizada pela equipe; e c) impacto do programa na vida dos participantes. Enquanto a avaliação geral obteve uma média de 9,3 (mediana igual a 10), a busca pelo emprego obteve uma média 7,7 (mediana igual a 9) e o impacto na vida obteve uma média de 9,0 (mediana igual a 10). (Cerqueira et al., 2019)

Esses dados levou o PJC a corrigir suas ações e qualificar a área de Colocação, que é responsável pelo acompanhamento dos jovens por 6 meses após concluírem a edição, dando suportes para inserção no mundo do trabalho e elevação da escolaridade.

No que diz respeito aos impactos do programa, baseados na análise experimental randomizada, foi avaliado cinco dimensões, sendo elas a) vínculo educacional; b) vínculo ao trabalho; c) participação comunitária; d) valores, atitudes e aspectos emocionais; e e) violência e envolvimento com justiça criminal. (Cerqueira et al., 2019)

Ainda segundo o autor, foi verificado se havia diferenças estatisticamente significantes ao nível de 1%, 5% e 10% entre o grupo de tratamento e o de controle, para cada uma das questões associadas aos cinco blocos supramencionados. Em relação à questão dos valores, atitudes e aspectos emocionais, lançamos mão, preliminarmente, de uma análise de fator, quando recuperadas as quatro variáveis latentes a partir das respostas de 17 perguntas do questionário associadas a esse tema. A partir daí, foram geradas cinco variáveis para cada indivíduo, quando estimados as diferenças entre os grupos. As análises de impacto e os testes de hipóteses foram feitas com bases em regressões, seguindo a abordagem de Mitchel et al. (2003), onde foram considerados como controles o local de residência, a idade, sexo, raça-cor, nível de escolaridade, se mora com os pais e se tem filhos.

Os resultados da avaliação direcionaram mudanças estruturais e qualificação da distribuição de recursos por área dentro do programa. Possibilitou ainda buscar alternativas mais eficazes que pudessem aumentar a inserção do jovem no ecossistema de trabalho, o que revela a potência do monitoramento e avaliação no reordenamento das ações e qualificação do uso dos recursos.

Principais impactos identificados

O programa despertou nos jovens graduados um interesse em aderir a outros cursos vocacionais e profissionalizantes, uma vez que evidenciamos diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo de controle, na ordem de 18,4 pontos percentuais. (Cerqueira et al., 2019)

Foi verificado que os impactos mais substanciais do PJC se deram no campo da vinculação do jovem ao mercado de trabalho. Ao nível de 5% de significância, encontramos diferenças entre os dois grupos, no que diz respeito ao fato do jovem estar estudando ou trabalhando. Enquanto 75% dos jovens que participaram do programa possuíam algum vínculo na escola ou no mercado de trabalho, esse índice era de 65,6% para o grupo de controle. Trata-se de um importante resultado, ainda mais quando constatamos a gravidade do problema dos jovens sem escola e sem trabalho/*sem-sem*, que somam 23% no Brasil, sendo que no Rio de Janeiro e, em particular, nas favelas esse problema tende a ser ainda mais grave. (Cerqueira et al., 2019)



Esse resultado é fortemente influenciado pelo impacto que o PJC teve para possibilitar o acesso ao mercado de trabalho aos jovens. Os dados da avaliação ainda destacam que enquanto 61,9% dos participantes do PJC estavam trabalhando na semana anterior à entrevista, esse índice era 9,3 pontos percentuais menor em relação ao grupo de controle, numa diferença estatisticamente significativa ao nível de 1%. (Cerqueira et al., 2019)

Tendo em vista a alta rotatividade do trabalho do jovem, além da questão se o mesmo trabalhava na semana anterior à entrevista, perguntamos se o mesmo já havia trabalhado em alguma atividade remunerada. Verificamos que os 84,5% dos jovens construtores já tiveram em algum momento essa experiência, ao passo que no grupo de controle, esse índice foi 16,2 pontos percentuais abaixo, sendo que a diferença se mostrou significativa estatisticamente. Como apontamos na introdução, a superação da barreira do primeiro emprego é um dos maiores obstáculos à vinculação do jovem ao mercado de trabalho. (Cerqueira et al., 2019)

Por outro lado, verificamos que praticamente todos os jovens, tanto no grupo de tratamento como no de controle, recebiam rendimentos tão baixos⁶, que tornou inviável a análise sobre potenciais diferenças de remuneração. No que diz respeito ao envolvimento em violência; e ainda à participação comunitária não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos. (Cerqueira et al., 2019)

Em relação à dimensão dos valores, atitudes e aspectos emocionais, a análise de fator revelou quatro variáveis latentes que classificamos como: "autoestima geral"; "satisfação com a vida pessoal e profissional"; "satisfação com a saúde"; e "crença na competência". No que se refere a essas quatro variáveis latentes, encontramos diferenças significativas em relação à satisfação com a vida pessoal e profissional. (Cerqueira et al., 2019)

Cerqueira e equipe ressaltam que foi comprovado a relevância dos impactos do PJC, sobretudo no que diz respeito ao grande desafio da colocação juvenil no mercado de trabalho e à superação do obstáculo de se conseguir o primeiro emprego. Tratam-se de evidências promissoras no sentido de apontar caminhos para a vinculação do jovem em situação de vulnerabilidade, um problema cuja solução transforma adversidade e risco em oportunidades e sonhos.

A contribuição da avaliação de impacto vai além. Ela revela a pertinência desse tipo de estudo para qualificar as ações desenvolvidas, seja por instituições e programas do terceiro setor como é o caso aqui, ou para as políticas públicas, revelando uma contribuição fundamental do monitoramento e avaliação para literatura.

Esforços permanentes de monitoramento e avaliação do PJC

Em 2021 a Frente de Juventude/CEDAPS realizou junto a rede de jovens do PJC, uma pesquisa de monitoramento, visando compreender o impacto da pandemia na experiência juvenil e atualizar o perfil dos jovens participantes no programa. A pesquisa foi construída de forma colaborativa com 17 jovens construtores(as) graduados(as), moradores(as) de 10 favelas cariocas. Embora a assessoria de colocação no mercado de trabalho se compromete nos primeiros 06 meses após a edição como já relatado, uma vez que o jovem se gradua e filia a rede, continuam recebendo oportunidades e vaga de trabalho.

O questionário da pesquisa foi aplicado junto a rede de graduados do programa na época composta por 426 jovens, onde 312 foram escutados (alcançando 73% da rede) como mostra a Figura 1.

A situação econômica de parte da sociedade brasileira foi afetada com a pandemia como revela a Figura 2.

Os jovens da rede PJC foram imediatamente afetados pela pandemia. A imediata virtualização das relações sociais e também de trabalho exigida pela pandemia nos alertou buscar entender quais os suportes que os jovens detêm para disputar espaço na inclusão produtiva digital. A frenética migração para o empreendedorismo intensificada pela falta de oportunidade de emprego formal tornaria realidade para grande parte dos jovens.

⁶ Em média, os jovens sujeitos ao tratamento e ao controle recebiam, em média, 0,94 e 0,87 salários mínimos.



Perfil

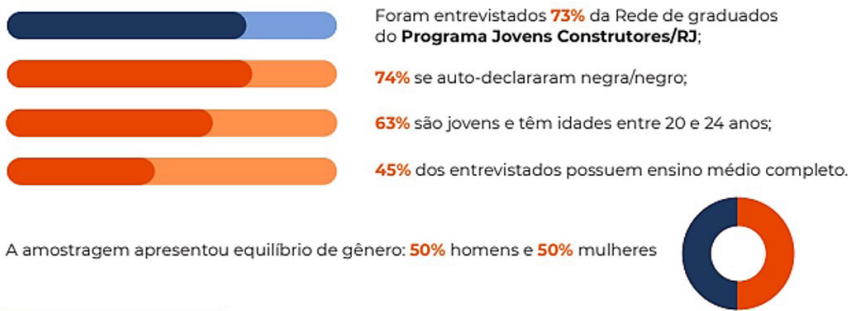


Figura 1. Perfil dos jovens da Rede de Graduados PJC.
Fonte: Sumário da Pesquisa Comunitária - PJC (2021).

Situação econômica

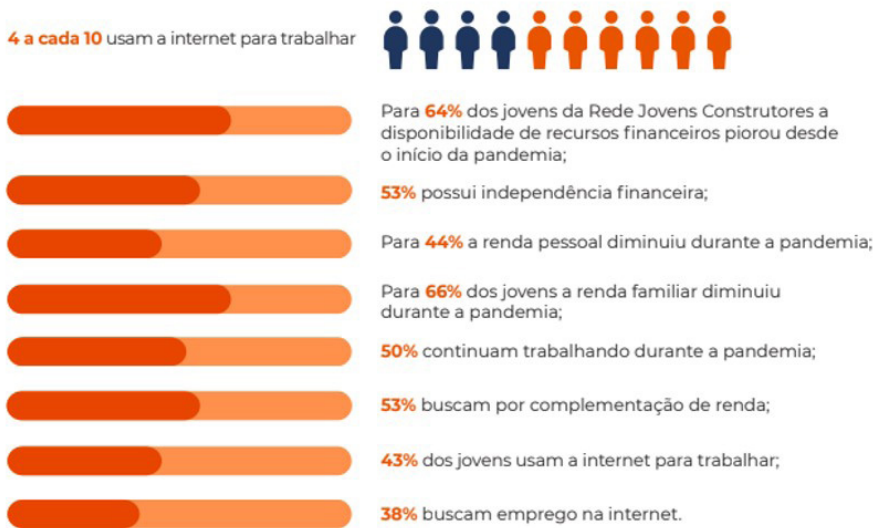


Figura 2. Situação econômica da Rede de Graduados PJC.
Fonte: Sumário da Pesquisa Comunitária - PJC (2021).

A pesquisa constatou que a maior parte dos jovens tinha apenas o celular como aparelho disponível para estudar e realizar tarefas na pandemia. É preciso garantir acesso a recursos materiais para que os jovens tenham igualdade de acesso ao mundo virtual; apesar de parte terem banda larga em casa, e quase a totalidade dos jovens terem acessos de alguma forma a internet, questionam a qualidade da internet que chega nas favelas, pois enfrentam dificuldades para permanecerem conectados sem interrupção.

As múltiplas fragilidades materiais, sociais e emocionais que perpassam as vidas desses jovens demandam ações públicas que não apenas respondam a suas necessidades atuais, mas também dialoguem com a matriz geradora dessa situação as desigualdades sociais de renda, de gênero, de raça e de acesso aos direitos sociais, como a educação de qualidade e acesso seguro ao mundo virtual.

Compreender o fenômeno da “exclusão” produtiva pelas lentes de quem a vive significa se aproximar das causas deste fenômeno e reconhecer os padrões hegemônicos e excludentes que o geraram e só assim é possível reverter exclusão em inclusão produtiva. Como são as jovens potências que mais encontram dificuldades para se estabelecerem de forma digna e segura na sociedade, os atendidos pelo PJC apresentamos abaixo parte da avaliação de impacto desse programa junto a este público, com foco na inclusão produtiva.



A pesquisa de monitoramento e atualização dos dados cadastrais dos jovens da rede PJC, reorientou as ações nos anos seguintes, 2022 e 2023 por nos ter revelado as emergências daquele momento. Temas como insegurança alimentar, e sobretudo a saúde mental ganharam prioridade nas ações de suporte e apoio nos anos seguintes, qualificando as ações junto aos jovens da rede.

O PJC e sua atuação na inclusão produtiva de jovens no de 2022

No ano de 2022, os atendimentos da área de Colocação junto a rede foram sistematizados na Tabela 1.

A tabela reúne os esforços da área de Colocação do PJC e revela o desafio de inclusão produtiva dos jovens potência, em um país que possui a prática de descarte dos jovens que estão em situação de maiores restrições econômicas.

As dificuldades de inserção de jovens potência no Brasil, descortina a realidade da forma como são tratados, como peças dispensáveis, ou materiais usáveis, seja pelas grandes indústrias que os trata como mão de obra barata, como potenciais consumidores dos subprodutos do mercado, ou mesmo pelas instituições que os classificam como soldados, ou “peões” seja de empresas predatórias ou do crime. Todo o mercado disponível ao jovem tem se especializado em recrutar jovens cada vez mais novos ou mais velhos, quando assim o for mais lucrativo determinando em certa medida a forma da sua inserção na sociedade. (Pereira (2019)

É preciso urgentemente pensar sobre o que nos alerta o sociólogo Zygmunt Bauman no texto *“O jovem como lata de lixo da indústria do consumo”* ao descrever a relação existente entre jovens, grandes corporações industriais e o mercado de consumo no século XXI. Suas reflexões chamam atenção para o quanto no ocidente a inutilidade ou utilidade estratégica do segmento juvenil expõe a perda de interesses e distanciamento dos jovens como futura elite política e cultural das nações.

Bauman reflete sobre o fato de os jovens serem parte de uma população dispensável usada de forma estratégica para as necessidades dos adultos. Quando se configuram potenciais à demanda de consumo, tornam-se “um eterno suprimento de terras virgens, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível” (Bauman, 2011). A juventude, assim, é vista pelo pensador como um novo mercado a ser comodificado e explorado.

Tabela 1. Colocação dos jovens no ano de 2022.

Período	Oportunidades Nível Médio	Oportunidades Nível Fundamental	Oportunidades de Jovem de Aprendiz/ Estágio	Oportunidades de Qualificação	Oportunidades de Elevação da Escolaridade	Inscrições/ Assessorias Realizadas	Colocações Alcançadas no Período	Esforços Realizados
Janeiro	-	-	-	-	-	-	-	-
Fevereiro	64	46	29	51	3	38	7	238
Março	90	50	63	68	5	17	3	295
Abril	83	39	49	53	1	35	2	262
Maiο	95	55	40	69	4	49	1	314
Junho	75	42	37	53	2	53	17	279
Julho	82	38	25	64	1	90	1	301
Agosto	60	30	15	70	1	68	34	278
Setembro	15	10	5	10	0	44	0	84
Outubro	45	20	17	53	0	52	0	187
Novembro	35	15	15	30	2	33	0	130
Dezembro	40	18	12	37	2	32	3	144
	684	363	307	558	21	511	68	2512
Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total

Relatório Anual - Área de Colocação - PJC/CEDAPS.



Considerações finais

A inclusão produtiva de jovens potência no Brasil é ainda um desafio para o terceiro setor e para as políticas de inclusão de jovens. Os esforços de intervenções que questionam as consequências da desvinculação juvenil das instituições de formação e de iniciativas que corrijam os fluxos de exclusão devem ser constantemente monitorados por instrumentos capazes de avaliar e indicar correções nos processos e fluxos das ações realizadas nessa direção.

O PJC ao desenvolver estudos e/ou produzir indicadores qualitativos e quantitativos da realidade juvenil vai tomando consciência dos desafios da implementação de iniciativas de inclusão produtiva assentado em dados seguros que são capazes de ampliar as oportunidades juvenis.

Os esforços em monitorar e avaliar as ações do PJC, revisitando e adaptando sua metodologia, busca mitigar o problema da desvinculação juvenil, sobretudo no que diz respeito à participação educacional e laboral, estimulando às capacidades socioemocionais e o fortalecimento dos vínculos comunitários. A articulação com organizações de bases comunitárias se faz cada vez mais relevante e necessária, e é igualmente desafiadora, diante da necessidade de ampliar e fortalecer as redes de cuidado e proteção juvenil nos territórios de favelas do Brasil assentados em indicadores coletivos precisos.

As pesquisas, e sobretudo a avaliação de impacto do PJC apresentadas neste texto ressalta o compromisso do programa com os jovens e com as agendas emergentes juvenis no Brasil e busca inspirar jovens e parceiros estratégicos na incorporação dessa cultura de monitoramento e avaliação.

Dentro da possibilidade de execução das ações projetadas pelo PJC, a inclusão produtiva se revela uma área cada vez mais estratégica. As experiências apresentadas aqui descortinam o grande desafio da colocação juvenil no mercado de trabalho e a superação de obstáculos estruturais para se conseguir o primeiro emprego. O monitoramento ativo e produtor de novos conteúdos do PJC contribui para o aperfeiçoamento e o alinhamento da iniciativa junto as necessidades/demandas dos jovens.

As intervenções realizadas pelo PJC são promissoras no sentido de apontar caminhos para a vinculação de jovens capazes de corrigir fluxos e pedagogias naturalizadas que agem a favor da exclusão social, comprometendo oportunidades e sonhos inovadores no Brasil.

Fonte de financiamento

Não há.

Conflito de interesse

Não há.

Referências

- Almeida, Sílvia Luiz de. (2018). *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento.
- Barros, Ricardo Paes, Carvalho, Mirela, & Franco, Samuel. (2016). *Pobreza Multidimensional no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Bauman, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CEDAPS. Relatório Anual.(2022). <https://docs.google.com/document/d/1ztqQdpv8xtdl6HPJUSWTXa1tNxOxqWINmH-43JTQt50/edit>. Acessado 18/10/2023.
- CEDAPS. Sumário Pesquisa Comunitária - PJC (2021). <https://docs.google.com/document/d/1ztqQdpv8xtdl6HPJUSWTXa1tNxOxqWINmH-43JTQt50/edit>. Acessado 13/10/2023.
- Cerqueira, Daniel. (2019). Avaliação de impacto do Programa Jovens Construtores com base em um experimento aleatório controlado (YouthBuild Brasil). Rio de Janeiro: CEDAPS.
- Crenshaw, Kimberle. (2002). Documento para o encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10(1), 171-178.



IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas da Violência. Brasília: Ipea, 2018. Disponível: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/2757-atlasdaviolencia2018completo.pdf>. Acessado em: 02/10/2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&dto-que-e>. Acessado em 23 abril. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Indicadores sociais juvenis 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&dto-que-e>. Acesso em: 14/09/2023.

Juliano Gonçalves Pereira (2019). A urgência de outras visões sobre as juventudes negras no Brasil. *Revista da ABPN*, 12(31), 317-335.

Kimberle, Crenshaw. (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, 171-188. Recuperado em 19 de março de 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>

Mitchell, Maxine V., Jenkins, Davis, Nguyen, Dao, Lerman, Alona, & DeBerry, Marian. (2003). *Evaluation of the Youthbuild Program*. Chicago, Illinois: Applied Real Estate Analysis, Inc.

Munanga, Kabengele. (2006). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In *3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação* (p. 27). Rio de Janeiro: PENESB-RJ. Palestra.

OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). A situação juvenil e o mundo do trabalho. [2019b]. Disponível em: <http://www.oecd.org/about/whodoeswhat/> Acesso em 09/10/2023.

OCDE Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Observatório Social do Brasil. <https://osblimeira.org.br/ocde-coloca-o-brasil-no-2o-lugar-de-ranking-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-os-nem-nem/>. Acessado 23/10/2023.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. (2019). *Relatório do Desenvolvimento Humano. Além do rendimento, além das médias, além do presente: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI*. Brasil: PNUD.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta. Rio de Janeiro: Brasiliense., 1985.

Zaluar, Alba. (2004). *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro, Editora FGV.